

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê: “A produção historiográfica através das fontes impressas e da imprensa”

Volume 22 | Número 2 | Ano/período: maio/agosto 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i2.14878

ISSN: 2763-8804

Uma mulher na Gazeta Médica da Bahia:

Francisca Pragner Fróes (1872-1931) numa sociedade católica e patriarcal

Davilene Souza Santos¹  

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa²  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN ACCESS

Referência

SANTOS, Davilene Souza; BARBOSA, Andréa da Rocha Rodrigues Pereira. Uma mulher na gazeta médica da Bahia: Francisca Pragner Fróes (1872-1931) numa sociedade católica e patriarcal. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 22, n. 2, p. 79-96, mai-ago 2023

Recebido em: 10/04/2023 | Aprovado em: 01/05/2023 | Publicado em: 20/07/2023

¹ Doutoranda em História das Ciências (UFBA/UEFS); Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (UFBA); e Graduada em Biblioteconomia e Documentação (UFBA). <https://orcid.org/0000-0002-1734-7698>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1787701864402557>

² Professora Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutorado em História pela Universidade Federal da Bahia (2007) e Pós-doutorado em História pela USP. (2014). <https://orcid.org/0000-0001-8376-1945>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8435059295729972>

**Uma mulher na Gazeta Médica da Bahia:
Francisca Prager Fróes (1872-1931) numa sociedade católica e patriarcal**

Resumo

O texto contextualiza a trajetória da Dra. Francisca Prager Fróes, médica no século XIX e XX, com as questões feministas, sociais, políticas, culturais, religiosas e científicas enfrentadas. Com uma abordagem bibliográfica qualitativa, visa compreender a influência da religião católica na presença tardia das mulheres na vida pública. Apresenta a relação da personagem com sua genitora numa perspectiva geracional de gênero no contexto da sociedade católica e patriarcal. Primeira mulher a publicar um artigo na revista que foi redatora, a *Gazeta Médica da Bahia*, além de pioneira na docência da Faculdade de Medicina da Bahia, verifica-se o seu engajamento em temas de interesses feminino, sociais, políticos e científicos no raiar do século XX.

Palavras-Chaves: Francisca Prager Fróes. Gazeta Médica da Bahia. Medicina Baiana.

**A woman in Gazeta Médica da Bahia:
Francisca Prager Fróes (1872-1931) in a catholic and patriarchal society**

Abstract

The text contextualizes the trajectory of Dra. Francisca Prager Fróes, a physician in the 19th and 20th centuries, with the feminist, social, political, cultural, religious and scientific issues faced. With a qualitative bibliographical approach, it aims to understand the influence of the Catholic religion on the late presence of women in public life. It presents the character's relationship with her mother in a generational gender perspective in the context of Catholic and patriarchal society. The first woman to publish an article in the magazine she was editor of, *Gazeta Médica da Bahia*, in addition to being a pioneer in teaching at the Faculdade de Medicina da Bahia, her commitment to themes of female, social, political and scientific interest can be seen at the dawn of 20th century.

Keywords: Francisca Prager Fróes. Gazeta Médica da Bahia. Bahia Medicine.

**Una mujer en Gazeta Medica da Bahia:
Francisca Prager Fróes (1872-1931) en una sociedad católica y patriarcal**

Resumen

El texto contextualiza la trayectoria del Dr. Francisca Prager Fróes, médica de los siglos XIX y XX, con las problemáticas feministas, sociales, políticas, culturales, religiosas y científicas enfrentadas. Con un abordaje bibliográfico cualitativo, pretende comprender la influencia de la religión católica en la tardía presencia de la mujer en la vida pública. Presenta la relación del personaje con su madre en una perspectiva de género generacional en el contexto de la sociedad católica y patriarcal. Primera mujer en publicar un artículo en la revista de la que fue editora, *Gazeta Medica da Bahia*, además de ser pionera en la docencia en la Faculdade de Medicina da Bahia, su compromiso con temas de interés femenino, social, político y científico puede verse en los albores del siglo XX.

Palabras Clave: Francisca Prager Fróes. Gazeta Medica da Bahia. medicina bahiana

O papel das mulheres nas Ciências, em uma perspectiva histórica, tem se desenvolvido de forma ampla na contemporaneidade. Esse fato deve-se à necessidade de se conhecer e atribuir os devidos créditos ao grupo feminino que compõe o progresso científico. Inúmeras cientistas, por muito tempo, foram invisibilizadas e descredenciadas das tarefas e funções que executaram no desenvolvimento da Ciência na esfera nacional e internacional, a exemplo de Marie Curie, Física graduada na França em 1893, que quase fora excluída da indicação ao Prêmio Nobel em 1903, devido ser mulher em uma sociedade patriarcal e excludente. (FERREIRA E GENOVEZE, 2022).

Por essa razão, busca-se neste artigo, compreender a participação feminina na Ciência, em particular, na medicina baiana do século XIX e início do século XX, na qual predominava a presença masculina na esfera pública e na Faculdade de Medicina da Bahia. Alguns estudos recentes pontuam a presença feminina na medicina baiana, de modo a destacar o pioneirismo de algumas delas e contribuir com o merecido reconhecimento das suas funções no desenvolvimento científico nacional. (RAGO, 2007; 2008; SILVA, 2011; SANTOS, 2019).

Desse modo, levanta-se uma questão problema que visa identificar se a presença da religião católica na sociedade baiana no século XIX contribuiu para a tardia participação das mulheres na profissão médica, de modo que pudessem contribuir na esfera pública e não somente na esfera privada como estava destinadas até então.

Levando-se em consideração que desde 1832 já existia a Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), a presença feminina nos estudos superiores esteve fora do radar da sociedade por muito tempo. Somente foi possível a inserção das mulheres na FAMEB na década de 1880, ou seja, meio século se passou até que estas pudessem estudar em uma faculdade e serem graduadas em medicina (SILVA, 2011).

A personagem central deste artigo chama-se Francisca Barreto Prager, nascida na cidade de Cachoeira-Bahia, no ano de 1872. Posteriormente conhecido como Francisca Prager Fróes, devido ao matrimônio com o Dr. João Américo Garcez Fróes, em 1899. Graduou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia em 1893¹, mesmo ano que Marie Curie graduava-se em Física, na França.

Francisca Prager foi a primeira mulher a publicar na *Gazeta Médica da Bahia* (GMB) em 1895. Esse periódico científico foi criado na Província da Bahia em 1866 e se manteve ativo até o ano de

¹ Vale pontuar, que há uma divergência na data de graduação da Dr^a. Francisca Prager, na qual consta em publicação da GMB, ter ocorrido em 1896. No entanto, diversas evidências levam a crer que de fato a defesa de these da médica ocorreu em 1893. (RAGO, 2007; FAMEB, 2012)

1934, despontando como um dos mais representativos do século XIX. Com inúmeras publicações, que vão desde os casos clínicos das doenças de forma geral, como especificamente das enfermidades tropicais, além dos noticiários médicos e variedades, a revista científica fez circular diversos debates científicos e destacou-se pela originalidade e amplitude com que tratava os temas ali discutidos.

Ao tratar da representatividade do periódico para a Ciência Brasileira e Baiana, destacamos que a presença feminina na Faculdade de Medicina não se iniciou com a senhorita Francisca Barreto Prager, tendo sido a sexta estudante do sexo feminino a se graduar na única instituição de nível superior existente na Bahia no século XIX, acompanhada do seu irmão, Antonio Prager. Nesse sentido, acrescenta-se que:

No final do século XIX, a legislação do ensino médico obrigava as estudantes a assistirem às aulas devidamente acompanhadas, sentando-se em cadeiras separadas dos colegas homens. Essa exigência legal deu origem a um impasse no seio da família Prager. A solução pragmática parece ter sido encontrada pelo engenheiro Henrique Prager, que intimou seu filho Antonio a se tornar médico, não obstante já ter manifestado o desejo de estudar engenharia. Por mais penosa que fosse essa missão, o rapaz não recuou diante do sacrifício: formaram-se os dois irmãos no mesmo ano de 1893 (RAGO, 2005, p. 989).

Antes mesmo que a Dr^ª Francisca Prager alcançasse esse título, prioritariamente designados apenas aos homens, em especial da elite branca, Silva (2011) aponta que outras cinco mulheres desbravaram esse caminho, foram elas: Rita Lobato Velho Lopes (1887); Amélia Pedroso Benebien (1890); Ana Machado Marinho Falcão (1890); Ephigenia Veiga (1890); Glafina Corina de Araújo (1892)².

A ascensão dessas jovens ao posto de estudantes de Medicina foi possibilitada pelo decreto de 19 de abril de 1879, que abria espaço para as mulheres efetuarem a inscrição “de matrícula e exames nos cursos de medicina, pharmacia³, partos e cirurgia dentaria” (GMB, 1901). Entretanto, mesmo com cinco médicas já formadas antes da Dr^ª. Francisca Prager, esta foi a primeira mulher a publicar um dos seus casos clínicos na *Gazeta Médica da Bahia*, artigo intitulado “*Observação de um caso de gravidez extra-uterina abdominal*”, em 1895.

A Dra. Francisca Prager casou-se com o médico João Américo Garcez Fróes, em 1899, adotando o seu sobrenome. Desse modo, podemos recuperar trabalhos publicados, de sua autoria, tanto com o nome de solteira (Prager), quanto com o nome de casada (Fróes). A partir disso, no ano de 1901, faz circular pela GMB o artigo intitulado “*A propósito da gravidez ilusória*”, após “a

² A publicação da GMB (1896) já mencionada, também não inclui a graduação da Dr. Ana Machado Marinho Falcão. No entanto, tanto os estudos de Silva(2011) quanto de Santos (2019) apontam para sua participação como uma das mulheres graduadas no ano de 1890, juntamente com Ephigenia Veiga e Amélia Pedroso Benebien, esta última com informação de graduação em 1889 equivocadamente.

³ Nas citações e títulos de artigo da época serão utilizadas as expressões conforme descritas nos documentos, como forma de ser fiel a ortografia original.

criação da seção de clínica obstétrica dirigida por uma mulher”, a própria Dra. Fróes. (BASTIANELLI, 2002)

Ao percorrer a temática da mulher na medicina, buscamos identificar nas páginas da GMB, fonte principal desse estudo, quais eram as perspectivas de publicações que se relacionavam com a esfera feminina, além da sua relação com a questão religiosa. Ao que tudo indica, existia um viés religioso, que de certa maneira atrasou o ingresso das mulheres no ensino superior, bem como, determinou a forma metodológica e epistemológica de como eram tratados os assuntos relativos ao sexo feminino (RAGO, 2007; 2008).

Dessa forma, este artigo tem por objetivo verificar como ocorria a participação das mulheres nos artigos publicados, sejam como objeto de investigação devido a alguma enfermidade, ou mesmo por meio da discussão acerca da ascensão da mulher, enquanto proponente ao cargo de profissional liberal na função de médica, assim como os homens. Por outro lado, busca-se identificar a relação da religião católica, predominante na Bahia no século XIX, que juntamente com os seus dogmas, distanciava as mulheres do convívio público, em especial no que compete ao trabalho fora do lar, como forma de determinar posições sociais distintas para homens e mulheres.

A partir dessa perspectiva, delimitando inicialmente de modo temporal aos cinco primeiros anos de circulação da GMB, entre 1866 e 1870, recuperamos alguns artigos que versavam a respeito da saúde e doença da mulher. Contudo, esses trabalhos publicados estavam expressivamente relacionados a doenças ocasionadas pela gravidez. No entanto, ainda dentro desse período, no ano de 1868, um artigo publicado na GMB chamou a atenção, disposto na seção de variedades, intitulado “*A Mulher Medica*” e assinado como “*scholiaste medico*”, ou seja, um texto sem autoria definida, como era tradição para periódicos científicos em geral naquele período, mas que a expressão da assinatura denotava um comentarista de textos antigos, o *scholiaste*.

No referido artigo, o autor discorre sobre a inserção da mulher na profissão médica, e acrescenta diversos comentários que elevam o tom da discussão para o plano religioso e espiritual, tais como: “É que a mulher foi feita para amar. Destinou-a Deus para medica da alma e não para medica do corpo” (GMB, 1868, p. 71). Essa publicação, portanto, atrelado ao fato do ingresso tardio das mulheres na Faculdade de Medicina da Bahia e conseqüentemente a ascensão de uma dessas ao posto de Doutora, médica obstetra e primeira professa de obstetrícia, além de redatora e diretora de uma seção da revista científica *Gazeta Médica da Bahia*, Francisca Prager (FAMEB, 2012), demonstra o quanto a religião pode ter sido utilizada para afastar as mulheres do espaço público, retardando o seu ingresso no curso superior e, conseqüentemente, do exercício de uma profissão liberal.

Dessa forma, o artigo visa apresentar a ascensão de Francisca Prager Fóes aos postos mencionados, comentar a sua participação na Ciência da Bahia, assim como as suas lutas feministas.

Por outro lado, pretende-se compreender como o discurso religioso e os desígnios da Igreja Católica podem ter retardado a entrada da mulher na esfera pública, de modo que pudessem conquistar espaços antes privilegiados aos homens brancos e da elite, em sua maioria.

Nesse ponto, destacamos a obra intitulada, “*Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836 – 1931)*”, escrita por Elisabeth Juliska Rago (2007), na qual a autora discorre sobre a vida de duas mulheres de gerações distintas, Francisca Rosa (mãe), nascida “em 1836, no engenho Vitória, às margens do Rio Paraguaçu, que divide a cidade de Cachoeira e São Felix, no Recôncavo Baiano” (RAGO, 2008, p. 23), e sua filha Francisca Barreto Prager, que nasceu na mesma região, em 1872, mudando-se de Cachoeira para Salvador em 1876. Desse modo, uma questão geracional suscita essa discussão. Mãe e filha são tomadas como exemplo de uma luta das mulheres por ascensão, seja pessoal ou profissional, dentre outros aspectos, tendo a educação, a cultura e as letras como instrumento de propagação das ideias feministas.

Francisca Prager e sua mãe, Francisca Rosa, representam as mulheres letradas de uma elite que não se deixou dominar pelos ditames de uma sociedade patriarcal e machista da época, nem tão pouco pela dominação religiosa que impedia a discussão de certos assuntos como o divórcio e o direito ao voto. Estes últimos foram alguns dos temas tratados de forma ampla pela Dr^a Francisca Fróes no raiar do século XX, por meio de entrevistas e publicações em jornais locais, nos quais defendia o direito ao divórcio, por entender que a infidelidade do homem causava doenças infecciosas nas mulheres.

Já a participação da médica baiana na luta pela emancipação feminina se inicia com a tradução de um texto para a *Gazeta Médica da Bahia*, intitulado “Emancipação das mulheres na Rússia”, em 1903, “extraído dos *Archives d’Anthrologie Criminelle*” do mesmo ano (Rago, 2008, 135), ainda que de forma sutil, assinando apenas com as iniciais (P. F), e o seu posterior ingresso na União Universitária Feminina. Na década de 1930 torna-se presidente dessa associação, que estava diretamente ligada à “Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, uma filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada no Rio de Janeiro em 1922, por Bertha Lutz, bióloga e uma das pioneiras da luta feminista no Brasil” (RAGO, 2005, p. 5). Essa perspectiva encontra ressonância e dialoga com os estudos desenvolvidos por Nogueira (2020), ao abordar as lutas de algumas escritoras do início do século XX, que enfrentaram as lutas do seu tempo tais quais as “Franciscas” deste texto.

Percurso Metodológico

O objetivo desta pesquisa perpassa por identificar e listar, em primeira instância, os artigos publicados na *Gazeta Médica da Bahia*, entre os anos de 1866 e 1870, que tiveram como tema principal a mulher e suas diversas nuances. Uma das fontes para esse levantamento foi o “Índice

Cumulativo da Gazeta Médica da Bahia 1866 – 1976” (SANT’ANNA E TEIXEIRA, 1984). Dessa forma, foi possível perceber que a maioria dos artigos publicados no período pontuavam a saúde e doença gerada no corpo feminino, por consequência de uma gravidez. Esse fato relaciona-se com a perspectiva religiosa, que atribuía à mulher o papel de mãe e dona do lar, com direitos e deveres junto ao bem estar da família, com os cuidados com a prole e com o casamento.

Identificou-se que um dos artigos publicados na GMB, intitulado “*A mulher medica*” (1868), não fora listado na fonte secundária que ancorou a pesquisa, o “*Índice Cumulativo da Gazeta Médica da Bahia 1866 – 1976*”. O referido artigo, publicado no Ano III, Número 54 do periódico, em 1868, foi recuperado por meio de uma compilação e pesquisa realizada por Bastianelli (2002). Dessa forma, duas situações acendeu um sinal de alerta para tal fato.

Primeiro, por que o artigo não fora incluído na publicação que tinha por objetivo apresentar um índice da GMB aos participantes de um XX Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e I Congresso da Sociedade Latino-Americana de Medicina Tropical em 1984, conforme descrito em sua apresentação. Em segundo lugar, o artigo em questão destacava traços relevantes de análise quanto à participação da mulher na vida pública, em especial na medicina, pontuando que o sexo feminino era considerado próprio, segundo a associação religiosa, à medicina da alma e não do corpo, conforme descrito a seguir, “É que a mulher foi feita para amar. Destinou-a Deus para medica da alma e não para medica do corpo” (GMB, 1868, p. 71).

No período elencado para a análise, os primeiros cinco anos de circulação da GMB, foram recuperados quinze artigos no Índice Cumulativo, e listados na ferramenta de edição de planilha. Nesse ponto, o artigo chave para essa discussão feminina e religiosa, publicado em 1868 e recuperado na compilação e pesquisa de Bastianelli (2002), incentiva no avanço das investigações.

Outra etapa que compõe este estudo perpassa pela identificação da primeira mulher a efetivamente contribuir com a *Gazeta Médica da Bahia*, e identificar o caminho percorrido para sua inserção na Faculdade de Medicina da Bahia. A partir disso, destacar como ocorreu a sua inserção na esfera pública médica e na comunicação científica, momento este que se percebe uma alteração nos temas relacionados ao corpo feminino e a saúde. Desse modo, lista-se alguns artigos publicados pela Dr^a Francisca Prager, de modo a perceber as nuances femininas trabalhadas, bem como, a herança familiar lhe provem de atributos que lhe permitem iniciar uma batalha em torno da igualdade de gênero, ao menos no que perpassa a questão da saúde matrimonial como forma de assegurar um saneamento nacional.

Nesse sentido, este texto fundamenta-se na concepção da análise de discurso (ORLANDI, 2015), no qual o contexto histórico e social se relaciona com as manifestações políticas, sociais e científicas da Dra. Fróes no raiar do século XX. Desse modo, busca-se analisar e compreender de que forma os assuntos médicos e científicos eram relacionados às mulheres nos primeiros anos da segunda

metade do século XIX, assim como a perspectiva sócio histórica atrelada a escrita de Fróes nas primeiras décadas do século XX.

Por outro lado, pretende-se entender a relação da religiosidade na tardia inserção de pessoas do sexo feminino na educação superior. De modo particular, investe-se na investigação acerca da inserção da mulher na medicina baiana e, como nos anos que antecederam a Proclamação da República, o cenário passou por alterações e a participação feminina tornou-se possível, amparada pela crescente urbanização, que segundo Rago (2008, p. 985), “significou um marco fundamental na história da participação de mulheres no campo da medicina”.

Em seguida, foram analisados os aspectos que perpassaram pela vida e obra da Dr^a Francisca Fróes (RAGO, 2007). Dentre essas obras, alguns artigos publicados, em sua maioria no início do século XX, recuperado no Índice cumulativo, no total de sete publicações para este período e o seu primeiro artigo em 1895 na GMB, relacionados no Quadro 1.

Desse modo, adentra-se na perspectiva das enfermidades enfrentadas pelo sexo feminino, apresentada por uma mulher de forma epistemológica, conhecedora das causas mais íntimas que permeavam a questão de gênero. O período destacado fora marcado pela mudança no regime de governo, do Império para a República há pouco mais de uma década, e com a ascensão do nacionalismo que envolveu os anos iniciais daquele século, no qual o saneamento e higiene pública eram pontos focais para o desenvolvimento nacional.

Perspectiva feminina na ciência e na *Gazeta Médica da Bahia*

Os primeiros cinco anos de publicação da GMB, compreendidos entre 1866 e 1870, no que compete a temática feminina, foram anos marcados por assuntos de ordem especificamente relacionados à saúde e doenças ligadas a gravidez ou ao aparelho reprodutor feminino. Todos os artigos são assinados por médicos homens, dada à inexistência de mulheres na Faculdade de Medicina da Bahia. Nesse período, meados do século XIX, não existiam no Brasil médicas do sexo feminino que estivessem à frente de investigações acerca do corpo das mulheres em suas mais variadas dimensões.

Fica evidente nos primeiros artigos publicados no periódico médico científico *Gazeta Médica da Bahia*, que o corpo da mulher era discutido na esfera científica, relacionado à saúde feminina, como diretamente ligada a sua função maternal, considerada pela ordem religiosa cristã e alguns dos seus adeptos, como a função primaz da mulher e do corpo feminino. Demonstrando uma preocupação iminentemente biológica relacionada à saúde e doenças nas mães dos futuros cidadãos e esposas (RAGO, 2008).

Com o ingresso da Dr^a Francisca Prager no circuito da publicação científica a partir de 1895, percebe-se, inicialmente, que a temática acerca das mulheres permanece na esfera clínica. Entretanto, no início do século XX, ampliam-se as discussões na ciência em torno de uma política higienista e de saneamento, avançando em seguida para aspectos morais associados à saúde feminina, nas dimensões sociais e políticas relativas às mulheres.

Nessa perspectiva, o Quadro 1, representa a escrita científica da Dr^a Francisca naquele período, a qual avança para uma questão de gênero a partir da década de 1920, ao tratar de um assunto árido para os padrões da época, que estava vinculado ao espaço privado do casal. Todavia, a ascensão da questão de política sanitária, higiene pública e a saúde da mulher exigiram da Dr^a Francisca Fróes a iniciativa em torno da defesa de uma perspectiva que envolvia aspectos relacionados à higiene masculina como forma de prevenção de doenças. Inicia-se assim uma questão de gênero que deveria estar vinculada de forma ampla aos anseios nacionalistas do momento.

Quadro 1 – Relação de artigos da Dr^a Francisca Prager Fróes na GMB

| Número de ordem no Índice cumulativo da GMB | Título | Número | Páginas | Ano |
|---|---|--------|---------|------|
| 1974 | Observação de uma caso de gravidez extra-uterino abdominal | 27 | 206-10 | 1895 |
| 2206 | A propósito da gravidez ilusória | 33 | 263-70 | 1901 |
| 2255 | Cifo-escoliose e gravidez | 33 | 501-11 | 1902 |
| 2335 | Eclâmpsia no trabalho do parto | 34 | 355-9 | 1903 |
| 2336 | Episiotomia e profilaxia das ruturas perineae durante o parto | 35 | 66-71 | 1903 |
| Não listado | A Emancipação das mulheres na Rússia | 34 | 479-480 | 1903 |
| 2478 | Abortamento no 3º mês com retenção da placenta e infecção consecutiva | 37 | 62-3 | 1905 |
| 2479 | Secreção láctea suplementar | 36 | 393-4 | 1905 |
| 3383 | Profilaxia matrimonial | 54 | 85-94 | 1923 |

Fonte: elaborado pelas autoras em 2023.

Os textos da tabela acima, com exceção de dois, estão voltados para a representação do corpo feminino como mero objeto de reprodução. Dessa forma, não rompe com as assimetrias de gênero da época que estipulava ser o corpo feminino voltado unicamente para reprodução e, por isso, limitado ao espaço privado e do lar. A hipótese levantada perpassa pela necessidade de aproximação da médica com o campo científico, buscando agir e atuar de modo semelhante aos seus pares, com

o intuito de se inserir no rol acadêmico e científico. Nesse sentido, Rago (2005, p. 5) acrescenta que “é provável que, em seu espaço social, tenha negociado muitas vezes sua identidade de gênero como estratégia de sobrevivência num mundo hostil”.

Dotado de critérios próprios, o círculo da Ciência poderia minar as intenções futuras da Dra. Fróes, no investimento em uma agenda, não apenas voltada para a saúde e doença da mulher, mas também para os aspectos sociais, políticos e culturais que a cercava. Desse modo, evidenciamos em um primeiro momento, alguns estudos alinhados aos temas que já se seguiam a respeito do corpo feminino.

Aparentemente, Dr^a Fróes apresentava um discurso voltado ao saneamento populacional e por vezes considerado eugênico. Contudo, futuramente reflete nos desdobramentos em torno das suas lutas no âmbito dos direitos civis igualitários, seja na esfera privada, por meio do divórcio, ou da esfera pública, investindo e participando junto a Berta Lutz na temática do direito ao voto feminino, tendo falecido em 1931, pouco antes de contemplar essa vitória das mulheres brasileiras em 1932. (RAGO, 2008). Já a Lei do Divórcio somente seria instituída no Brasil em 1977, destacando-se que:

Oficialmente com a emenda constitucional número 9, de 28 de junho de 1977, [e] regulamentada pela lei 6515 de 26 de dezembro do mesmo ano. De autoria do senador Nelson Carneiro, a nova norma foi objeto de grande polêmica na época, principalmente pela influência religiosa que ainda pairava sobre o Estado. A inovação permitia extinguir por inteiro os vínculos de um casamento e autorizava que a pessoa casasse novamente com outra pessoa. (INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA, 2010).

Nesse sentido, Rago (2005, p. 3) aponta que “o primado católico se fazia presente na vigilância das práticas sociais femininas existentes”, fato este que teria contribuído para que uma lei, voltado à emancipação feminina, a do divórcio, que por sua vez iria de encontro com os dogmas religiosos da Igreja Católica levasse tanto tempo para ser instituída. Dessa forma, Castro et. al (2022, p. 188) nota que o posicionamento da Dr^a Fróes “a favor do divórcio na Bahia, pode ser considerada uma atitude relativamente transgressora, uma vez que tal postura constituía uma ofensa à Igreja Católica”. No entanto, A Dr^a Pague Fróes teria deixado clara a sua característica mais marcante nas seguintes palavras “Sou feminista por heranças e por convicção” (Fróes apud Rago, 2008, p. 193), associando de todo modo, a forma como fora educada por sua mãe e como percebeu o mundo a sua volta.

No que compete às enfermidades analisadas no corpo feminino, antes da chegada da primeira médica a publicar um texto científico na Bahia, o tema perpassavam pelo estado biológico da gestação e posteriormente, com a presença da Dr^a Fróes e seu interesse pela questão da higiene e saneamento, o discurso médico sofre transformações culturais, históricas e sociais, orientadas pelas

manifestações originadas por meio da Ciência exercida por esta médica. Analisando o envolvimento da Dr^a Francisca Fróes em debates tão áridos como o saneamento no casamento, o divórcio e o voto feminino, compreende-se que o seu discurso estava atrelado a um momento histórico, político e social que não se desvinculava das questões científicas relacionadas ao corpo feminino, buscando incluir a participação masculina no bojo desse debate, atribuindo-lhe responsabilidades por doenças outras adquiridas por mulheres no casamento.

Desse modo, compreender historicamente o envolvimento das mulheres na Ciência, perpassa por entender o seu lugar na sociedade de forma ampla. Analisar debates travados e os discursos defendidos pela Dra. Francisca Fróes auxilia na compreensão do grau das suas intenções. De modo geral, Orlandi (2015, p. 24) aponta que “A análise de discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Nesse sentido, consideramos o desenvolvimento das investidas científicas da Dra. Fróes no século XX, como cercadas de atribuições de sentidos, de modo que a perspectiva feminina fosse ampliada para uma concepção de gênero, na qual ambas as partes, feminina e masculina estivessem representadas, seja na esfera privada, mas também, na esfera pública.

Nesse sentido, na conclusão de um artigo intitulado “*Profilaxia matrimonial*”, publicado em 1923 pela Dr^a Francisca Fróes, emblemático e de uma originalidade ímpar a respeito da temática da higiene pública, a autora acrescenta que, “Prophylaxia matrimonial, que é a base do saneamento geral dos povos, deve ter por norma a educação igual e completa dos sexos, debaixo do ponto de vista physico, moral, intelectual e biogenético” (FRÓES, 1923, p. 93). Acrescenta, ademais que, “A desigualdade de prerrogativas dos dous sexos, injustificável e inadmissível na época atual [1923], não poderá garantir nem harmonizar jamais a sociedade conjugal desde que faltam à sua estabilidade os dous principaes elementos de bom êxito: - igualdade de direitos e igualdade de deveres” (FRÓES, 1923, p. 93)⁴.

A tendência de transmissão de doenças por homens casados à suas esposas era um assunto que preocupava a Dr^a Fróes e a incentivou sugerir mudanças no Código Civil Brasileiro, para permitir o divórcio nesses casos de insegurança matrimonial. Nesse sentido, Rago (2005, p. 7) aponta que “a questão proposta é inovadora, pois ressalta os mecanismos sociais da discriminação”, complementando que “segundo Francisca Prager, o feminismo normaliza as relações entre homens e mulheres”. A autora aponta em seguida que a Dr^a Fróes, em 1917, descreve o feminismo como:

Sendo a luta contra ‘certas leis iníquas, brado enérgico e consciente pela reforma do Código que nos regem, para a reabilitação dos direitos que a dignidade da mulher exige, em bem da moralidade do lar e da futura garantia da família (RAGO, 2005, p. 8).

⁴ As citações estão com as grafias da época como forma de ser fiel ao que foi escrito pela autora.

Essa reflexão da Dr^a Fróes encontra sintonia com o que preconiza Butler (2016), e Scott (1990) no que compete as questões de gênero. Esta última, parafraseando Natalie Davis (1975), acrescenta que “deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar apenas do sexo sujeitoado”, assim como reflete Dr^a Francisca Fróes. Desse modo, Davis (1975) apud Scott (1990, p. 72), aponta “que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitoado”. Acrescentando ter por objetivo, “compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico” (SCOTT, 1990, p. 72), o que de alguma maneira também tem por premissa o desenvolvimento deste texto.

Nesse sentido, ao apresentar a história de Francisca Rosa, mãe de Francisca Prager Fróes, e desta mesma, Rago (2007, p. 25) aponta que estas personagens pertenciam “às camadas abastadas da população, [...] viveram em uma sociedade de raiz agrária, patriarcal e escravocrata. Entretanto, [...] não se sujeitaram à exclusão premeditada”. Nesse ponto, a autora nota que essa expressão “exclusão premeditada”, referia-se “às relações de poder entre os gêneros” (RAGO, 2007, p. 25). Dessa forma, a proposta de Rago (2007) perpassa por apresentar essa perspectiva geracional entre mãe e filha, da qual nos apropriamos para compreender o cenário sociocultural no qual cresceu e viveu a Dr^a Francisca Fróes.

De acordo com a breve biografia de Francisca Fróes, publicada pela FAMEB (2012, p. 3), destaca-se que a médica:

A partir de 1903, começou a defender, publicamente, a emancipação feminina. Naquele ano publicou, na *Gazeta Médica da Bahia*, um artigo, verdadeiro libelo contra o preconceito, exigindo que as mulheres tivessem o mesmo direito dos homens, nas Faculdades de Medicina. Sua luta em favor do feminismo repercutiu em todo o estado, bem como no restante do país. Nos idos de 1917, defendeu o divórcio, publicando um artigo altamente polêmico.

Esse dado exemplifica a amplitude da luta travada entre a Dr^a Francisca Fróes e os mais diversos setores da sociedade da época, como a instituição religiosa e os seus dogmas, bem como a cultura geral de uma sociedade pautada na obediência feminina aos ditames pré-escritos por um viés patriarcal. Nesse quesito, Rago (2007, p. 27) aponta que “Francisca Rosa e sua filha Francisca [Fróes] deixaram diversos escritos femininos nos quais se percebe, no primeiro caso, o surgimento de uma *consciência de gênero*, e no segundo, o entrelaçamento teórico e prático entre feminismo e medicina no seu pensamento”. Desse modo, percebe-se que como as vivências da Dra. Francisca Fróes refletem a educação e o comportamento materno.

A Dr^a. Francisca Prager Fróes e suas batalhas dentro e fora da medicina

As lutas travadas pela Dr^a Francisca Fróes não se limitaram a medicina e saúde da mulher. Em diversas ocasiões Rago (2007, p. 29) sugere que “Francisca, a filha, pretendia manter vivo o debate sobre o qual participava Francisca Rosa, sua mãe, sobre igualdade de direitos, além do seu envolvimento com a defesa da saúde da mulher, nos anos iniciais do século XX”. Essa e outras reflexões de Rago (2007), bem como o percurso metodológico adotado, se correlacionam com os escritos de Nogueira (2020) na perspectiva da análise documental a respeito das ações de mulheres do final do século XIX e início do século XX.

Algumas obras que ancoraram os estudos de Nogueira (2020), quanto os de Rago (2007; 2008), chegaram ao público por meio de obras “*in memoriam*” dadas as dificuldades de publicação, por mulheres, naqueles períodos. Fato esse influenciado pela forma como a sociedade considerava a presença feminina em determinadas áreas. Ainda que fossem mulheres letradas da sociedade baiana, os escritos sejam da Francisca Fróes, quanto das personagens trabalhadas por Nogueira (2020), apresentavam essa característica que perpassa por assuntos somente publicados posteriormente a sua produção, alguns inclusive, após o encantamento das autoras.

Dada à perspectiva emancipatória com que a Francisca Rosa (Mãe) agia e se mostrava, esse fato influenciou para que Francisca Fróes “levasse à frente um projeto de emancipação feminina” (RAGO, 2007, p. 29). De modo geral, as discussões que Fróes iniciava no contexto da saúde da mulher, trazendo a luz a questão da profilaxia matrimonial e mais para frente a defesa do divórcio demonstravam essa característica da médica. Este último, de certa maneira, indo de encontro aos dogmas da religião católica que imperava no Brasil desde a época colonial (RAGO, 2008).

Nesse sentido, Jesus (2014, p. 14) pontua que “a religião [é] como parte integrante da cultura, indissociável do contexto social em que se insere”. Desse modo, “podemos pensar o campo religioso como uma arena de conflitos”, ponto esse também anotado por Rago (2008, p. 588), em que acrescenta que a Dr^a Francisca Fróes “foi uma das primeiras a reivindicar o divórcio na Bahia, em 1917, o que representava uma afronta à Igreja católica”. Dessa forma, Rago (2007, p. 36) destaca que “a presença da moral católica era ampla e contestadora de novas idéias de civilidade vindas, principalmente da Europa”. Por outro lado, “no plano cultural, o comportamento das mulheres das camadas altas não poderia suscitar qualquer tipo de desconfiança quanto a sua honestidade e às suas virtudes morais” (RAGO, 2007, p. 36).

Em consonância, Jesus (2014, p. 19) aponta que o catolicismo “como religião oficial do Império, detentora do monopólio de atribuições civis e religiosas, enfrentou dificuldades nos oitocentos”. Acrescentamos que no raiar do século XX, essas dificuldades só se acirraram com as crescentes manifestações desfavoráveis aos dogmas da Igreja católica, alicerçadas pelos discursos menos rígidos

de outras religiões, no que compete em especial à emancipação feminina em um contexto de liberdade decisória em favor das suas prioridades, seja matrimonial, educacional ou profissional.

A questão religiosa tem sido apontada com frequência nos estudos de Rago (2007, p. 99), traduzindo as reflexões da Dr^a Francisca Fróes a respeito do papel da mulher perante a sociedade, e como esses fatos estavam evidenciados em seus escritos, a exemplo de um trecho de um artigo de 1883, no qual a Dr^a Francisca reflete em respeito às mulheres, que a sociedade entendia que estas “ostentavam a preferência às necessidades do espírito”. Por outro lado, “em que pese uma estreita visão ideológica sobre os ‘papéis’ femininos na sociedade senhorial baiana, a educação de Francisca não foi enclausurada nos valores da fé cristã e no inevitável destino de esposa e mãe” (RAGO, 2007, p. 110)

Nesse ponto, Jesus (2014, p. 20) nota que “os conflitos e tensões que atingiram a Igreja Católica, sobretudo a partir da década de 1840, fazem parte do processo de reforma do catolicismo em resposta ao liberalismo e aos perigos do século”. Em consonância, Rago (2007, p. 110) aponta que “é verdade que a Igreja Católica exerceu forte influência sobre a formação das mulheres da elite baiana, como se pode observar no que ficou registrado na produção de escritoras do final do século XIX e parte do Século XX”. (RAGO, 2007, p. 110).

Essa reflexão apresenta atributos significativos para compreendermos o desenvolvimento da educação recebida por Francisca Prager, advinha da classe mais privilegiada da sociedade, fora educada no lar, conseguiu ingressar na Faculdade de Medicina, quando a maioria das mulheres se quer estavam autorizada a frequentar o ensino ginásial. Dito isso, Rago (2008, p. 988) acrescenta que, “para se ter uma ideia do papel precursor da médica, é importante frisar que a presença feminina nas escolas secundárias, como no Ginásio da Bahia, só se verificou a partir da década de 1920, portanto, 27 anos depois de Francisca já ter defendido sua tese de doutorado”, demonstrando, portanto, o quão árduo foram os caminhos desbravados por dezenas de mulheres na transição do século XIX para o século XX.

Ainda assim, algumas autoras citada por Rago (2007, p. 110), como Amélia Rodrigues, teoriza que “o papel da religião na educação [deve ser] inspirada no Evangelho. A educação feminina [estava] baseada numa sólida formação moral, em detrimento da instrução”. Entretanto, Rago (2007, p. 113) aponta que “Kátia Mattoso surpreendeu-se com o fato de que, antes do término do século XIX, já havia mulheres formadas em medicina, fato notável, dadas as características gerais da sociedade baiana”. Nesse sentido, se há de convir que a inserção de Francisca Fróes na educação superior e, posteriormente, seus temas de interesse, fossem considerados inusitados, mas de todo modo, seguidores de uma tendência mundial de emancipação do sexo feminino, das amarras patriarcais e dogmas religiosos.

Como a discursão de gênero perpassa pela perspectiva do sexo masculino, Rago (2007, p. 113) destaca que “os médicos, construtores da imagem da mulher como esposa e mãe, suspeitavam daquelas que almejassem ultrapassar o mundo privado da família”. Acrescenta que “o discurso masculino da época, reproduzia a idéia da inferioridade intelectual feminina, legitimado pela saber científico”. Além disso, a questão religiosa é trabalhada em diversas passagens da obra de Rago (2007), visto que, aparentemente, a Igreja católica estava presente no cotidiano da sociedade baiana, em especial, na educação feminina.

Para esse fato, Rago (2007, p. 115) destaca que Francisca Prager “foi educada diferentemente à tradicional educação cristã – que antepunha a fé à ciência – destinada a formar jovens da elite”. Desse modo, acrescenta que “após a proclamação da República, a Igreja Católica continuou a exercer as tarefas educacionais do Estado Leigo, uma vez que Igreja estava mais bem equipada com relação aos quadros treinados para o exercício do magistério”.

Em se tratando da condição da mulher para as religiões, alinhando à perspectiva de gênero, Jesus (2014, p. 106) em seus estudos, fornece um subsídio de análise, ao realizar uma breve distinção de como “em comparação com o catolicismo e o protestantismo, a doutrina espírita conferia um papel mais ativo para as mulheres”. Desse modo, acrescenta que “segundo Kardec, são os mesmos Espíritos que animam os homens e mulheres [...], os Espíritos encarnam como homens ou mulheres, por que não tem sexo”.

Nesse ponto encontramos uma conexão com os estudos de Butler (2016), ao propor que a configuração de gênero perpassa por uma ação mais performática do que biológica. Percebe-se, portanto, uma flexibilidade de pensamento em outras esferas religiosas que contrapõe o rígido sistema dogmático do catolicismo. Dessa forma, nota-se a presença da religião, ainda que indiretamente, em aspectos educacionais, sociais e políticos da sociedade baiana do início do século XX. Por meio da obra de Rago (2007), é possível adentrar o universo feminista dado à atuação epistemológica das personagens; embarcar na esfera da presença da mulher no ensino superior e de certa maneira, tem-se um contato com relação à religião no contexto sócio histórico do limiar do século XIX e raiar do século XX.

Considerações Finais

O texto em questão buscou apresentar a perspectiva feminina no que compete à inserção da mulher na educação superior, em especial na Faculdade de Medicina da Bahia. A personagem central dessa abordagem foi a Dr^a Francisca Prager Fróes, professora de obstetrícia, primeira mulher a publicar na *Gazeta Médica da Bahia*, e a dirigir uma seção de comunicação científica no periódico

mais significativo e duradouro editado na Bahia em meados do século XIX até a década de 1930 do século XX, a GMB.

As obras de referência para a produção do artigo perpassou pela *Gazeta Médica da Bahia*, como forma de listar artigos publicados pela Dr^a Francisca, bem como obras produzidas por Elisabeth Rago, em 2007 e 2008, uma das maiores especialistas em estudos sobre a Dr^a Francisca Fróes, que trata da relação da Dr^a Francisca e sua mãe, perpassando por uma questão geracional, assim como a sua relação com o feminismo e a medicina. A religião esteve presente nestas obras, em virtude da contextualização da sociedade realizada pela autora, de modo que permitiu atender aos preceitos dispostos para a produção desta pesquisa.

Considerando a inserção da Dr^a Francisca Fróes em uma sociedade patriarcal, escravocrata na qual a Igreja Católica exercia poder significativo na sociedade e cultura local, conclui-se que a atuação da médica favoreceu para o avanço das discussões em torno de diversos temas que estão relacionados com as questões de gênero. Desse modo, apontamos que alguns dogmas religiosos tiveram influência na entrada das mulheres na esfera pública, contudo, foram paulatinamente superados para que o progresso científico e social pudesse alcançar níveis de desenvolvimento mais democráticos.

Referências

A MULHER MEDICA. *Gazeta Médica da Bahia*. Salvador, Ano 3, n. 54, 1868. p. 70 – 72. Disponível em: <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/46/40>. Acesso em: 02 dez. 2022.

AS MULHERES MEDICAS. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador, Ano 32, v. 9, 1901. p. 472 – 473. Disponível em: <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/643/628>. Acesso em: 02 dez. 2022.

BASTIANELLI, Luciana (Compilação e pesquisa). **Gazeta Médica da Bahia (1866-1934 / 1966-1976)**: Salvador: Edições Contexto, 2002.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11^a. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTRO, Adrielle Conceição de et. al. As Mulheres na Faculdade de Medicina da Bahia. In: REIS, Eduardo José Farias Borges dos et al (Org.). **História da Medicina: contextos e interseções da Faculdade Primaz do Brasil**. Salvador: Edufba, 2022.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (FAMEB). **Francisca Prager Fróes (21/10/1872 - 1931)**. [2012]. Disponível em: <http://www.fameb.ufba.br/filebrowser/download/81>. Acesso em: 02 dez. 2022.

FERREIRA, Karolaine Pacheco; GENOVESE, Cinthia Letícia de Carvalho Roversi. Os desafios das mulheres na Ciência: Marie Curie como figura feminina no campo científico. **Revista Educação, Ciência e Cultura**. Canoas-RS, v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/8837/pdf>. Acesso em: 03 mar. 2023.

FRÓES, Francisca Prager. Prophylaxia matrimonial. **Gazeta Médica da Bahia**. Ano 54, n. 1, 1923. p. 85 – 94. Disponível em:

<http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/issue/view/745>. Acesso em: 02 dez. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA. **A trajetória do divórcio no Brasil: A consolidação do Estado Democrático de Direito**. 2010. Disponível em:

<https://ibdfam.jusbrasil.com.br/noticias/2273698/a-trajetoria-do-divorcio-no-brasil-a-consolidacao-do-estado-democratico-de-direito>. Acesso: 09 mar. 2023.

JESUS, Leonardo Ferreira de. **“Ventos venenosos”**: o catolicismo diante da inserção do protestantismo e do espiritismo na Bahia durante o arcebispado de Dom Manuel Joaquim da Silveira (1862-1874), Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18783/1/Dissertação_Leonardo%20F%20de%20Jesus.pdf. Acesso em: 05 dez. 2022.

NOGUEIRA, Maria Lucia Porto Silva. **Mulheres baianas em tessituras de memória e ficções**: subjetividades femininas. Salvador: EDUNEB, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes editores, 2015.

RAGO, Elisabeth Juliska. Francisca Prager Fróes e a igualdade dos sexos. **Labrys, Études Féministes/ Estudos Feministas**. Brasília, Montreal e Paris. v. 8, agosto/dezembro, 2005. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys8/histoire/elizabeth.htm>. Acesso em: 08 mar. 2023.

RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836 – 1931). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

RAGO, Elisabeth Juliska. Francisca Prager Fróes: medicina, gênero e poder nas trajetórias de uma médica baiana (1872-1931). **Revista Ciências & saúde coletiva**. v. 13, n.3, maio-junho, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/WJSDZMvnnrYmLdB6wzknMMY/#>. Acesso em 05 mar. 2023.

SANT’ANNA, Eurydice Pires de; TEIXEIRA, Rodolfo. **Gazeta Médica da Bahia: Índice Cumulativo 1866-1976**. Salvador: Faculdade de Medicina e Farmácia, 1984.

SANTOS, Mayara Priscilla de Jesus dos. **Maria Odília Teixeira**: a primeira médica negra da Faculdade de Medicina da Bahia (1884-1937). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33196>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 15, n. 2, 5-22, jul./dez. 1990. Tradução revisada. v. 20, n. 2, 1995. p. 71 – 99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 05 dez. 2022.

SILVA, Caroline Santos. **Com um fórceps na mão, há de se parir uma nação**: ensino e prática da Obstetrícia e Ginecologia em Salvador (1876-1894). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal

da Bahia, Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2011. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12851>. Acesso em: 05 mar. 2023.